

Leitura Menor: um conceito, um acontecimento

Minor Reading: a concept, an event

Solange Puntel Mostafa

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
Professora do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da FFCLRP/USP.

E-mail: smostafa@terra.com.br

Resumo

Três abordagens sobre o processo de leitura são apresentadas: abordagem psicanalítica, abordagem fenomenológica e por último a esquizoanálise. Apresenta a criação do conceito filosófico 'leitura menor' mencionando tentativas anteriores de entender a leitura e a leitura em grupo (bibliometria) fora dos quadros da psicanálise e da fenomenologia hermenêutica. O processo de leitura visto pela psicanálise compreende a leitura como um processo catártico, acrescido de outras categorias psicanalíticas como introspecção ou projeção. Contrapondo-se à psicanálise surge a fenomenologia hermenêutica da estética da recepção, sendo ambas as abordagens populares no Brasil em várias áreas que tratam da leitura, como Letras, Psicologia ou Biblioteconomia. Enfatiza-se nesta reflexão a terceira abordagem trazida pela Filosofia da Diferença de Gilles Deleuze como mais uma opção a ser contemplada pelos estudiosos do tema.

Palavras-Chave: Leitura. Bibliometria. Psicanálise na leitura. Teoria do efeito estético. Leitura menor.

Abstract

Three approaches to the reading process are presented: 1) a psychoanalytic approach, 2) a phenomenological approach, and finally 3) schizoanalysis. The article presents the creation of the philosophical concept 'minor reading' mentioning previous attempts to understand reading and reading in group (bibliometry) outside the framework of psychoanalysis and hermeneutic phenomenology. The process of reading seen by psychoanalysis comprises reading as a cathartic process, plus other psychoanalytic categories such as introspection or projection. Opposing psychoanalysis we present the hermeneutic phenomenology of reception aesthetics, both approaches being popular in Brazil in several areas that deal with reading, such as Literature, Psychology or Librarianship. We emphasize in this paper the third approach brought by Philosophy of Difference as another option to be considered by the scholars of the subject.

Keywords: Reading. Bibliometry. Psychoanalysis in reading. Theory of aesthetic effect. Minor reading

Introdução

Talvez seja uma curiosidade notável as afirmações de um certo filósofo de que "a filosofia precisa de uma não-filosofia que a compreenda". Isto é, a filosofia precisa se debruçar sobre objetos e processos não-filosóficos para dar inteligibilidade aos seus conceitos e intuições. Assim como a arte precisa da não-arte e a ciência, da não-ciência" (DELEUZE, 1997 p. 207). Pensamos então que as relações entre Filosofia e Ciência da Informação são necessárias para tornar compreensíveis as suas práticas recíprocas.

A filosofia fornece conceitos para a Ciência da Informação, oriundas da prática científica mas que não estão nesta prática, posto que os conceitos são filosóficos e só a filosofia poderá inventá-los. A ciência da informação atualiza suas práticas através de acontecimentos-conceitos em seu plano referencial, e em tal plano, a filosofia não tem nada a dizer. A filosofia está neste mundo para fazer algo que a Ciência não pode fazer. E vice-versa. Portanto, entendamo-nos bem: a Filosofia da Ciência da Informação não pode fazer o que só compete à Ciência da Informação realizar. São planos diferentes e no entanto há certa conexão entre os planos que entendemos ser da ordem das ressonâncias, dos efeitos, dos deslizamentos sem intencionalidade. Entendemos também que a ciência está do lado das 'idéias correntes', em outra curiosa afirmação do filósofo: "O que basta para as "idéias correntes", não basta para as "idéias vitais" - as que se deve criar. Os movimentos absolutos do mundo invocam uma evolução criadora e idéias que são vitais. Elas bifurcam e não param de bifurcar na busca de outro mundo. As idéias científicas são "correntes", equacionam, trabalham com incondicionais, com números, com funções. Dão conta de ir ao caos, recortar um pedaço e estancá-lo, resolvê-lo por assim dizer. Dá-nos a impressão que não há virtual nem acontecimento para as ciências que lidam com a atualização do virtual. Virtual, aí sim, como Acontecimento é coisa da filosofia. Filosofia, então, para Deleuze e Guattari não faz a mesma coisa que as ciências humanas ou as ciências aplicadas. Tão somente porque a filosofia e os conceitos filosóficos devem nos mostrar um mundo diferente do que o que já temos.

Os conceitos filosóficos precisam então expressar a natureza dos acontecimentos. E o acontecimento é sempre virtual, pois ele não se atualiza no mundo, permanecendo como mundos possíveis. O conceito filosófico é real sem ser atual, ideal sem ser abstrato. Sim, o objeto da filosofia é real porque dá conta do experienciado, do vivido, dos problemas e estranhamentos da vida. Mas o conceito e o acontecimento não são atualizados. O atualizado é o que se refere ao estado de coisas, portanto objeto da forma de pensar das ciências. O objeto

da filosofia é ideal, porque fruto da idéia, da associação de idéias, imaterial talvez, mas de forma alguma abstrato. Começamos a pensar a partir de um encontro com outras idéias ou sensações com efeitos sempre inesperados. Efeitos de sentido que não são dados nas palavras ou nas frases mas no acontecimento, em uma relação disjuntiva que coordena o rizoma. Conjunção e disjunção, continuidade e descontinuidade, tal é a figura do rizoma deleuziano.

Linhas de Fuga para a Ciência da Informação

Ao se colocar em um plano de pensamento filosófico específico – chamado por Deleuze e Guattari de Plano de Imanência, o cientista da informação tem a possibilidade de aplicar à organização do conhecimento, na sua prática profissional, uma nova idéia de pensamento voltada para o múltiplo, o diferente, o impensável, o novo.

Analisamos no início de nosso percurso filosófico em 2010, alguns conceitos filosóficos na Ciência da Informação, por exemplo, o rizoma mas pensamos que o rizoma desvinculado do conceito de devir e da filosofia das multiplicidades, despotencializa o próprio fazer filosófico. É exatamente o conceito de devir, o que não tem sido problematizado na Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Filosofar para Deleuze e Guattari é criar conceitos. Ora, criar conceitos é adentrar um plano propriamente de criação, invenção e de experimentação. Os conceitos filosóficos não são representativos e por isso não precisam representar o mundo com exatidão. Como dizem Deleuze e Guattari, no livro *O que é filosofia*: - "É verdade que o conceito é confuso, vago, mas não porque não tem contornos: é porque ele é vagabundo, não discursivo, em deslocamento sobre um plano de imanência [...] o conceito é o acontecimento como puro sentido que percorre imediatamente os componentes (1997, p. 187).

Preferimos criar outros conceitos não só para fazer jus às essas novas práticas filosóficas mas para experimentar a criação e o seu poder de transformação. Assim, já em 2010 pensamos no conceito de Linguagem Documentária Menor (LDM) cuja trajetória completa agora um percurso de quase dez anos com desdobramentos em várias oportunidades.

A leitura menor

Leitura menor é um conceito filosófico de Benevenuto (2017) para designar uma maneira de ler. Se o conceito é, para Deleuze e Guattari absoluto e relativo ao mesmo tempo, Leitura Menor é absoluta porque impõe uma nova direção ao problema da leitura, não mais baseada na significação mas no sentido, a quarta dimensão da proposição. Relativo porque vai se conectar com outros conceitos no mesmo plano, já que nenhum conceito é simples ou isolado no pensamento. Além disso o conceito tem uma história e um devir, o que veremos agora, resumidamente: o conceito é absoluto e relativo, finito e infinito.

- **Relativo** a seus próprios componentes, aos outros conceitos, ao plano com base no qual se delimita, aos problemas que se supõe que devem resolver.
- **Absoluto** pela condensação que opera, pelo lugar que ocupa sobre o plano, pelas condições que impõe ao problema. É absoluto como todo, mas relativo como fragmentário.
- **Finito** por seu movimento que traça o contorno dos componentes.
- **Infinito** por seu sobrevôo ou sua velocidade.

Vejamos como tudo isso se coloca para o processo de leitura.

As abordagens da leitura

No processo de orientação acadêmica deparamos com a Biblioterapia, este ato de ler e de narrar as leituras em grupo. As pesquisas brasileiras tanto na área de Biblioteconomia quanto Psicologia ou Letras usam predominantemente o referencial da Psicanálise freudiana e da Estética da Recepção de Wolfgang Iser. Com menor presença aparece nas pesquisas, a fenomenologia de Merleau-Ponty. Exploremos um pouco as abordagens mais frequentes.

Leitura na visão psicanalítica

Os elementos da biblioterapia na visão psicanalítica incluem catarse, identificação, ou projeção. A relação entre psicanálise e literatura foi iniciada pelo próprio Freud que atualiza a tradição aristotélica da catarse na tragédia grega pois o prazer estético na visão freudiana envolve fontes mais profundas do que as explicações aristotélicas baseadas numa ‘alegria serena’ que transformam em fruição a piedade e o temor (CALDIN, 2001).

Ao identificar-se com o herói o espectador da tragédia sente prazer e alívio de não ser ele o protagonista da cena, o que o distancia e o protege. Nos anos cinquenta a psicanálise se consolida com pretensões de desvendar o sentido oculto do texto, apontando até o desejo no texto (VILLARI, 2000) e nesse sentido falaria sobre o ‘inconsciente do texto’. Catarse, identificação e projeção são elementos biblioterapêuticos arrolados na maioria das pesquisas brasileiras como aponta recente pesquisa de Duarte, Viana e Caldin (2018).

Entretanto a pesquisa pretendeu analisar os efeitos estéticos da visão fenomenológica, como enuncia o título da pesquisa, mas não encontramos tais efeitos descritos no texto.

A leitura do quadro II permite corrigir nossa contribuição na pesquisa de Duarte, Viana e Caldin (2018) pois fomos citados como partícipes de uma abordagem psicanalítica e/ou fenomenológica. O que não é correto. Ao contrário. Nosso texto seminal citado teve o propósito justamente de contrapor a fenomenologia com a filosofia da diferença por nós praticada em Mostafa, Nova Cruz e Benevenuto (2014).

Leitura na visão fenomenológica

Nos anos sessenta surge a preocupação com a recepção do texto literário em reação à psicanálise centrada no texto e em seus heróis. Assim, os alemães Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser propõem uma abordagem fenomenológica para a leitura que abrangesse a um só tempo o texto e o leitor. O método psicanalítico deveria ser rejeitado em favor de uma leitura fenomenológica. Iser propõe que pensemos menos nos aspectos psicológicos dos personagens e mais no contexto que agiria com Figura pela percepção do leitor, na comparação com o Fundo representado pela familiaridade do ambiente em que vive o leitor. Da contraposição entre Fundo e Figura, entre os valores do leitor e os representados no texto surgiria um efeito surpresa.

Iser chama a sua teoria de efeito estético. O texto literário surge como puro fenômeno, um fenômeno que pressupõe a presença do leitor como um ato de leitura capaz de completar o texto, supostamente incompleto uma vez que toda estória é um recorte de nossa presença no mundo, e há sempre outras estórias possíveis para a nossa própria e a dos outros, inclusive a dos livros. Por isso Iser volta a sua atenção para o processamento do texto. O texto possui lacunas e espaços em branco que precisam ser preenchidos no ato de leitura e assim o texto é transferido para a consciência do leitor.

Na interação texto-leitor, os espaços vazios são projeções lançadas sobre o texto possibilitando que o leitor se situe a si mesmo em relação ao texto (p. 107) de maneira que o leitor avalia o seu caminhar pelo texto, substituindo primeiras impressões à medida que a leitura avança. Iser entende que as inclinações humanas como imaginação e ficção são o que constitui a literatura ficcional, pois a literatura se faz numa articulação do imaginário em um jogo complexo de possibilidades (BARONE; RODRIGUES, 2017). Portanto Iser entende o ato de leitura como uma encenação (idem) na qual o leitor experimenta outros textos e outras histórias diferentes da registrada no texto em mãos.

Estudiosos da psicanálise admitem que os teóricos da recepção estética leram Freud mas desprezaram a noção de inconsciente – entretanto entendem os psicanalistas que entre texto e leitor criou-se um campo de transferência inconsciente semelhante ao da clínica quando o paciente transfere suas angústias e paixões para o psicanalista – agora o inconsciente do leitor entra em cena para preencher os vazios do texto de acordo com o progresso da história e nesta interação de inconscientes (inconsciente do texto e inconsciente do leitor), a leitura se realiza. Quando a obra interpela o leitor, podemos pensar que o texto é o analista a quando o leitor preenche vazios, o analisando é o texto e nosso leitor devém um analista. O livro de Iser em dois volumes apresenta a sua complexidade por trazer apontamentos de outros fenomenólogos como Husserl, Ingarden ou Sartre é uma das mais bem aceitas no cenário brasileiro da interpretação de textos.

Leitura na visão da esquizoanálise (filosofia da diferença)

Nossa proposta é a discorrer sobre um novo conceito filosófico – leitura menor – e como todo conceito filosófico é absoluto e relativo ao mesmo tempo, a leitura menor é uma forma de ler fora do campo da interpretação (o lado absoluto do conceito, ao mudar a direção do problema). Para a filosofia da diferença não se trata de compreender os textos literários nem de interpretá-los e procurar o que significam, mas de descobrir como funcionam, não internamente e nem na relação a um leitor individual.

A máquina literária de Deleuze & Guattari pode ser montada e desmontada sem qualquer coerência com o texto em mãos, pois os efeitos interessantes não se limitam a respostas de leitores individuais - não são efeitos subjetivos ou mesmo transgressivos. A diferença fundamental é que o efeito pensado por Deleuze e Guattari não é uma consequência da obra

sobre o receptor, pois a literatura expressa agenciamentos coletivos de enunciação, e o leitor tanto quanto o escritor chama um povo por vir, ao se desterritorializar, coletiva e politicamente.

O desaparecimento do leitor após a morte do autor, na sugestão de Bruce Baugh (2006) nos pareceu a mais adequada. O autor inicia sua reflexão contando-nos que Elizabeth I, rainha da Inglaterra assistiu a uma encenação da peça de teatro 'Richard II' de Shakespeare, no período elisabetano (1558-1603) exclamando (com algum desalento): "Richard sou eu!" Esse "choque de reconhecimento" e de identificação provavelmente é familiar a qualquer leitor: todos podemos exclamar a este respeito, 'Elizabeth sou eu!'

Outros exemplos são trazidos por Baugh (2006) como por exemplo Dom Quixote ou Emma Bovary. Dom Quixote confundiu-se com um "cavaleiro errante", Emma Bovary confundindo-se com a heroína de um romance romântico. É claro que Don Quixote, assim como Emma Bovary são personagens apresentando certo desequilíbrio emocional. Há um elemento de loucura em qualquer ato de identificação com um personagem literário, seja fictício ou real. Ao basearem suas projeções e interiorizações numa identidade ou num 'eu' unificado acabam por não experimentar outros 'eus' distantes de si mesmos. Deleuze propõe que façamos viagens que não nos traga de volta ao porto seguro de um eu unificado.

O objetivo da literatura não é ajudar-nos a orientar-nos para nos encontrarmos, mas para para nos perdermos e assim inventarmos novas possibilidades de vida que vão além dos personagens com quem nos identificamos e além dos estados perceptivos e transições afetivas do vivido.

Ler como uma linha de fuga é uma saída, não "fora do mundo" e dentro do imaginário, mas fora da identidade. Em vez de cimentar ou confirmar uma identidade, a escrita e a leitura desestabilizam a identidade e o reconhecimento no esplendor do impessoal 'que nos tira o poder de dizer' eu" (DELEUZE, 1997, p. 13). "É preciso desaparecer, tornar-se desconhecido" (DELEUZE; PARNET 1998, p. 54) Ler e comentar as leituras, individualmente ou em grupo, num olhar deleuzeano, não passa portanto nem pelo processo com personagens, através da projeção, interiorização e catarse e nem entende a leitura como um fenômeno ou efeito estético na compreensão de Iser. O sujeito deleuziano se parece com aquele sujeito moribundo representado pelo personagem de Dickens. À beira da morte o personagem libera vida que o filósofo vai chamar de beatitude: o mundo pré-individual, o mundo das hecceidades. Uma hecceidade mais do que um sujeito; desligado de tudo que o submete, sujeitos e objetos, ele é uma singularidade em todo o universo. Se somos fraturados pelo tempo como ensina a crítica

kantiana, tal fratura é preenchida pelos sujeitos larvares, passivos, não o sujeito ativo que diz “I”.

Este eu dissolvido, larvar, moribundo é talvez o eu singular e múltiplo presente na imanência da vida, como descrito no texto deleuziano ‘Imanência...uma vida’, onde vida é quase uma virtualidade pois é produtora de muitas e variadas vidas. Hecceidade, imanência, diferença pura, virtual/atual, sujeito larvar, precursor sombrio (sinônimo de ponto aleatório, quase causa, personagem conceitual), diferenciação, hábito, acontecimento, enfim é uma enxurrada de novos conceitos com que equipar a Biblioterapia na visão da filosofia da diferença ou da esquizoanálise.

São esses conceitos novos que poderiam fazer a passagem das abordagens usuais da psicanálise e da fenomenologia para a filosofia da diferença. Afinal, a filosofia, tal como a entendem os filósofos da diferença é o romance de conceitos. E os conceitos são acontecimentos.

Deleuze modifica a pergunta humanista sobre quem é o leitor e dá a ela um tom pós-humanista, perguntando pelo funcionamento dos agenciamentos, preferindo entender o sujeito como uma máquina asignificante sobre o qual não há nada a entender ou a interpretar. Nenhum significado no que dizemos, escrevemos ou narramos. Perguntar apenas pelos efeitos, pelo que podemos fazer com o que somos. Leitura menor como acontecimento independe de qualquer noção de sujeito permitiria até mesmo uma nova abordagem para a prática da biblioterapia.

Os paradoxos, as contradições, os esquecimentos, confusões e os lapsos naquilo que falamos são como uma língua dentro de outra língua, como se falássemos uma língua estrangeira em nossa própria língua (que é como Deleuze entende a literatura de alguns romancistas que fazem a língua vibrar) e criam uma língua menor dentro da língua maior; traços do virtual que aparece em nós e que respondem pela pergunta deleuzeana e empirista: como funciona esse eu que lê? Conecta-se com que? Que devires faz passar? (diferentemente da pergunta psicanalítica ou estética sobre a identidade do eu leitor).

Dissolver a leitura e seu processo narrativo em seu campo problemático no ser do sensível ou num plano que o filósofo chama de plano de imanência onde tudo é pré-narrativo ou virtual e onde a imaginação (poética pela sua própria natureza) habita este plano como uma onda, como um precursor sombrio. São essas compreensões da relação entre virtual e atual que nos farão devolver a leitura ao campo transcendental sem sujeito.

Resumindo o conceito Leitura Menor

Um esquema didático pode ser encontrado em Mostafa e Nova Cruz (2009, p. 33):

1. Qual problema ele vem resolver? A impessoalidade do processo de leitura onde não há nem autor nem leitor.
2. Quais seus componentes? Leitura na superfície do texto atenta às conexões extra-textuais.
3. Qual o contorno e a vizinhança que acomoda os componentes no conceito? Singularidade, multiplicidade, hecceidade, imanência, diferença pura, virtual/atual, sujeito larvar, precursor sombrio (sinônimo de ponto aleatório, quase causa, personagem conceitual), diferenciação, hábito, acontecimento.
4. Qual a história do conceito? Passa pela psicanálise dos anos cinquenta coteja a estética da recepção na teoria do efeito estético dos anos sessenta para ultrapassar tanto as categorias da psicanálise (projeção, interiorização e catarse) quanto o leitor implícito dos espaços em branco da fenomenologia entre texto e leitor.
5. Qual seu devir? Leva para outros mundos possíveis arrastando o suposto leitor para ser outra coisa através de outras estórias.

Esperamos que as duas aproximações realizadas com o tema da biblioterapia, a primeira mais longa e centrada no pensamento de Paul Ricoeur com o título Fenomenologia versus Filosofia da diferença; a biblioterapia em questão (MOSTAFA; NOVA CRUZ; BENEVENUTTO, 2014) e essa agora sobre a trajetória do conceito filosófico ‘Leitura Menor’ possam contribuir para ampliar as abordagens no tema da leitura em nosso meio.

Referências

BARONE, L. RODRIGUES, B. H. R. Psychoanalysis, fiction, and cure: between fields theory and theory of aesthetic response. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 28, n. 2, maio/ago. 2017.

BAUGH, B. Let's get lost: from the death of the author to the disappearance of the reader. **Symposium**, v. 10, n. 1, p. 223-232, 2006.

BENEVENUTTO, F. E. **Biblioterapia e a leitura menor**. Orientador: Solange Puntel Mostafa. 2017. 48 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2017.

CALDIN, C. F. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 32-44, 2001.

DELEUZE G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta; 1998.

DELEUZE, G. A literatura e a vida IN: crítica e clínica. São Paulo, Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia**. São Paulo, Ed 34, 1997.

DUARTE, E. J.; VIANNA, W. B.; CALDIN, C. F. Biblioterapia e teoria do efeito estético: diálogos interdisciplinares. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 13, n. 2, p. 015-043, 2018

MOSTAFA, S. P.; NOVA CRUZ, D. V. **Para ler a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari**. Campinas: Alínea, 2009. 122 p.

MOSTAFA, S. P.; NOVA CRUZ, D. V.; BENEVENUTTO, F. E. Fenomenologia versus Filosofia da diferença; a biblioterapia em questão. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, 2014.

VILLARI, R. A. Relações possíveis e impossíveis entre a psicanálise e a literatura. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 20, n. 2, jun. 2000.

Artigo submetido em: 20 nov. 2018